

Márcia Noletto
e Mariana Magalhães

(ORGS.)

Lutos

LUTOS

Copyright © 2024 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial Ltda.

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação de texto: **Carlos Silveira Mendes Rosa**

Revisão: **Samara dos Santos Reis**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Este livro é dedicado a todos os
enlutados e àqueles que eles viram partir.

Sumário

Prefácio	9
Introdução.	13
O fio da meada	17
<i>Como tudo começou (Márcia Noletto e Mariana Magalhães)</i>	18
O luto pela covid-19	35
<i>Um luto pressentido (Margareth Pretti Dalcolmo)</i>	36
O luto materno	47
<i>A menina ainda dança (Márcia Noletto)</i>	48
O luto por um futuro perdido	55
<i>Eu agora não tô mais com medo, tô com Pedro (Gilberto Gil)</i>	56
O luto trans	59
<i>O luto de uma pessoa trans e seus renascimentos (Eduardo Medeiros)</i>	60
O luto trágico	67
<i>De um velório a outro (Eliane Arenas)</i>	68
O luto animal	75
<i>Delicadamente, ela se foi (Camila Alves)</i>	76
O luto neonatal e gestacional.	83
<i>Silêncio (Daniel Carvalho)</i>	84
O luto anunciado	91
<i>O tempo não para (Lucinha Araújo)</i>	92

O luto do imigrante	99
<i>O cinza e as cores do Brasil (Victor Meneses)</i>	100
O luto de uma família	105
<i>Um placar de virada (Willams Amaral Nogueira)</i>	106
O luto por desaparecimento	113
<i>Saudade sem fim (Jovita Belfort)</i>	114
O luto por infertilidade ou esterilidade	121
<i>Barriga oca (Mariana Magalhães)</i>	122
O luto de um país.	129
<i>Luto verde e amarelo (Marcus Vinícius Pavan)</i>	130
O luto de Deus	135
<i>Passagem (Leandro Frederico Marques)</i>	136
O luto por violência	145
<i>Fragments do luto possível (Fernanda Chaves)</i>	146
O luto por suicídio	151
<i>Um tiro que mudou a história — Relato em três atos</i> <i>(José Mauro Brant)</i>	152
O luto de um amor	165
<i>A presença da ausência de Marielle (Monica Benicio)</i>	166
O luto político.	173
<i>Perdas e danos (Chico Alencar)</i>	174
O sol há de brilhar mais uma vez	183
<i>Para onde seguimos (Márcia Noletto e Mariana Magalhães)</i>	184
Antes de partir...	191
Narradores	193

Prefácio

Diferentes pessoas falam de diferentes lutos. Para cada uma, seu luto é único, incomparável, inigualável. A intimidade de uma dor é exposta na medida da possibilidade e do desejo de cada autor, que, em tom coloquial, nos conta o que é viver um luto, o seu luto.

Há pessoas conhecidas pelo público e há aquelas que têm um lugar na privacidade dos seus entes queridos, os quais sabem o que ocorre quando não existe expressão além dos seguros limites da família e dos amigos mais próximos. Ainda assim, não posso dizer que exista comparação possível com qualquer uma das experiências aqui compartilhadas. Psicóloga e professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), trabalho pesquisando sobre luto, assistindo pessoas que o vivem, oferecendo intervenções a organizações, em busca de uma nova possibilidade de dar prosseguimento a projetos após a perda de uma figura-chave nos quadros laborais ou em resposta a uma catástrofe que tenha atingido comunidades. Tenho meus lutos, vividos desde muito pequena, que repercutem em meus significados e escolhas existenciais.

Neste livro encontrei uma voz que perpassa os meandros da ciência e instiga o estudioso a sair dos muros da academia e ouvir,

ler, aproximar-se de quem conta sobre seu luto. É preciso chegar bem perto para ouvir e ver, com detida atenção, o que há de único nos relatos. Corrigindo: não são apenas relatos; são biografias em recorte íntimo, vistas pela fenda que a dor do luto abre. Relatos trágicos, pressentidos, não reconhecidos, anunciados, julgados, aceitos, valorizados, ocultos. Tentativas talvez vãs de encontrar palavras, mas aqui estamos diante de relatos escritos com palavras e emoções, lembranças, dúvidas.

Há lutos que carecem de reconhecimento, seja da sociedade que os julga, seja da própria pessoa que os vive: por não engravidar, depois de se valer do que de melhor a moderna ciência da fertilização oferece; por não reencontrar a filha desaparecida sem motivo, sem rastro; pela perda, em dois episódios — aposentadoria e morte —, do animal que lhe era os olhos e a independência; pelo preconceito na interpretação do luto masculino; pelo personagem que cede a vez a uma verdadeira identidade.

Para esses lutos, fica a experiência de busca de empatia, a fim de que possam ser vividos sem que tenham de ser explicados, e de que sejam entendidos como luto. No entanto, não é isso o que se vê. A necessidade de fazer do próprio luto uma causa, mesmo que benéfica para outros em situações semelhantes, é uma constante lembrança de se estar como que à margem da aceitação da sociedade, do fluxo validado.

Há lutos por ideias, por significados: pela pátria, pelo chão que nos acolheu ao nascermos e não mais nos assegura a possibilidade de viver, de permanecer vivos; pelo país que amamos e nos deixa amedrontados, bravos, perplexos, desesperançados; pela figura suprema de significados e respostas, que atende pelo nome de Deus e traz desapontamento em vez de as iluminações conhecidas; pelo ídolo, mais do que pela pessoa, que em vida oferece orgulho e o doce pertencimento a um coletivo e, ao morrer, nos inclui no grupo dos que não têm mais por que vibrar.

Em todos os lutos, a tônica reafirma a definição: nós nos enlutamos por quem amamos ou por algo que amamos. Podem ser pessoas às quais nos vinculamos, como pais, mães, irmãos, amores — quer na primeira fila desse coro, quer nas não tão evidentes, porém composto o tom com as demais. O “Valdir das orquídeas”, sobre quem talvez eu nada saiba além da regularidade da sua presença e da segurança de que ele existe, é para mim, quando dele me percebo saudosa, uma forma de viver um amor, de ter talvez a ilusão de que tudo vai permanecer como está e é. O desconforto da sua morte pontua para mim que não, nada vai permanecer igual.

Tempo Rei, Gil?

Sobre os mais de 700 mil brasileiros mortos pela covid-19, o coletivo ao qual pertencemos mostra ainda mais. Se forem biografias e não apenas números, ecoam também as mortes por violência, seja doméstica, urbana, política, policial, como a vivida por Fernanda Chaves e tantas outras pessoas, anônimas ou não, seja por suicídio, como o vivenciado por José Mauro. É o amor de alguém, é o filho de Lúcia, que não é o filho de Gilberto, nem a filha de Márcia, a de Jovita ou a de Daniel, que sabe que escutar é diferente de ouvir, nem os dez filhos de Mariana. É o amor de Eliane, que não é o amor de Monica. É o amor de Eduardo por si mesmo, o amor de Victor, de Marcus e de Chico pelo Brasil, de Willams pela família, de Leandro por Deus.

Este livro tem a função de amalgamar o todo que se apresenta aqui, composto de pessoas distintas e unas. Não é necessário conhecê-las pessoalmente ou ter testemunhado o luto que vivem. O amálgama está na nossa essência humana, que reconhece amor e perda como duas faces de uma mesma moeda, uma não existindo sem a outra.

Trata-se de um convite à leitura, portanto. Aceitá-lo não exige o leitor da leveza necessária para entender a experiência dos autores. Leveza, sim; porém em paralelo, talvez, com a acidez presente na ou-

LUTOS

tra face da moeda. Leia sem se preocupar com a sequência proposta no sumário. Permita-se visitar esses lutos e os seus.

De minha parte, digo (e não é a psicóloga quem diz): seu luto é meu luto!

MARIA HELENA PEREIRA FRANCO

Psicóloga e psicoterapeuta, professora universitária, fundadora da Associação Brasileira Multiprofissional sobre o Luto (ABMLuto) e autora de *O luto no século 21* (Summus Editorial)

Introdução

Reformas internas são difíceis de realizar. São trabalhos árduos que requerem tempo e precisam da anuência pessoal para ser iniciados. E, mesmo que ansiemos lutar com determinados estados de paralisia emocional, ainda que estejamos no ponto de partida para os recomeços — dispostos, porém temporariamente inaptos —, podemos descobrir que não temos recursos para dar os primeiros passos.

Tendemos a buscar incessantemente respostas que expliquem os porquês, como se estes fossem a chave de todas as soluções. Parece que, sem explicações lógicas ou causais, nada faz sentido. Tentamos entender o que estamos sentindo e não conseguimos dar um nome ao nosso mal-estar. Envoltos em uma nuvem de desmotivação e desesperança, identificamo-nos como “despontencializados” para a vida.

É como se nos debatêssemos em areia movediça. Ao mesmo tempo que fazemos um movimento contrário para sair do atoleiro, temos a sensação de que estamos presos e acabamos acreditando que vai ser difícil demais sair dali. Talvez impossível.

Pois é! Do mesmo modo que nos ocupamos da vida, a vida também nos ocupa. Ela nos traz, incansavelmente, novos desafios. Às vezes boas surpresas, às vezes nem tanto. E assim nos arrancam o sentido e o entusiasmo para os nossos projetos pessoais. É disso que

desejamos falar aqui. Quando resolvemos elaborar este livro, não queríamos que ele se resumisse ao título. Nossa proposta é muito mais ampla do que apresentar relatos diversos sobre lutos. Queremos, ao contrário do que se possa pensar, falar da potência da vida. Gostaríamos de refletir sobre a lida constante que a vida é.

Muitas perguntas ressoaram durante a elaboração. Como manter viva a chama mesmo em circunstâncias difíceis? Como permanecer fiéis à existência, quando a vida exige mais do que conseguimos suportar? De onde colher forças e atitudes certas para enfrentar tragédias e dores absolutamente devastadoras? Até onde, como seres humanos, conseguimos suportar o manejo dos sofrimentos extremos? Como continuar a viver carregando no peito uma dor que com certeza nos acompanhará até o último dia?

Entre tantas dúvidas, foi unânime a certeza de que juntos somos mais fortes; de que se poderia atingir, através da troca de experiências e da escuta atenta das histórias aqui contadas, uma tendência para a reflexão e a reconciliação com o “ser assim” de cada um de nós e com o “isto posto” de cada situação. Os relatos mostram que, sozinhos, temos menos possibilidades de identificar o fio da meada que nos leva ao bem-estar. Já quando compartilhamos, quando nos aproximamos, quando somos empáticos e, por fim, quando nos irmanamos, as chances de amenizarmos o peso da jornada tornam-se mais viáveis.

No fim das contas, mesmo que o que nos tenha acontecido navegue no limiar do surreal, o que gostaríamos de pensar é como prosseguir. Como buscar um gancho que nos religue a uma vida feliz e saudável?

Todos já experimentamos ou experimentaremos sofrimentos diversos ao longo do percurso. Mas por que não pensar que atitudes em prol da aceitação, ainda que gradativas, nos levarão a um lugar seguro? Afinal, o que se deseja é que haja paz nos corações que sofrem.

Com esse objetivo, após encontros e relatos, apresentamos aqui 18 tipos de luto. Muitos outros poderiam ter sido adicionados, o que

talvez desse mais abrangência ao tema. Mas, mesmo dedicando anos a tal façanha, seria improvável elaborar um material capaz de esgotar o assunto. Cada perda, cada luto vivido abre caminhos para outras reflexões. A constatação de que este livro poderia conter tantos tópicos mais parece indicar um gesto de empatia por ele — uma vez que ampliaria o olhar para a tão profunda dor do luto —, além de representar um distanciamento das nossas experiências para reconhecer que o padecimento do outro pode ser tão intenso quanto o nosso: é no encontro com as semelhanças que percebemos não estar sozinhos. Além disso, o compartilhamento de tais histórias ajuda a enfrentar os flagelos pessoais.

Se você, ao ler este livro, não encontrar uma narrativa que se encaixe na sua, saiba que ainda assim está representado. Talvez não pela apresentação de um relato com que você se identifique integralmente, mas por compreender que o luto é plural, embora cada vivência seja singular. Luto é dor do amor. Por isso traz em si o aperto no peito, o vazio e a tristeza profunda de ver ficar para trás algo tão importante. Mesmo que vivamos histórias idênticas à primeira vista, nossas experiências nunca serão as mesmas.

Por fim, embora tenha sido organizado por duas psicólogas, este livro não é acadêmico e traz o registro de experiências muito pungentes, mas não saberíamos pensar em estratégias para lidar com elas. Trata-se, então, de um convite para que o leitor amplie seu modo de compreender essas dores dilacerantes e para que aqueles que viveram situações dolorosas de luto encontrem algum tipo de alento.

Boa leitura!

O fio da meada

*O que de mim aparece
É o que dentro de mim Deus tece.*

Jorge Vercillo e Jota Velloso, “O que eu não conheço”

Como tudo começou

MÁRCIA NOLETO E MARIANA MAGALHÃES

Início de março de 2020. O espetáculo *O fim da psiquiatria — Um stand-up drama* voltava a ser exibido em curta temporada de um mês, após sucesso de público em setembro e outubro do ano anterior. A peça era formada por seis textos de Walter Macedo Filho a respeito das dificuldades atuais do ser humano em sua relação com o meio. Um bate-papo com profissionais de diversas áreas e convidados seguia-se à apresentação. Os temas propostos partiam das cenas da peça.

Estivemos juntas no teatro no dia em que o debate foi realizado com um grupo de mães enlutadas de diferentes partes do Brasil, que falavam das suas experiências.¹ Ali nos demos conta de que éramos duas mulheres que sofriam dores ligadas à maternidade: uma por ter visto uma filha morrer e a outra, que nunca enfrentaria um sofrimento como esse, por não poder gestar um filho, por não ter a chance de experimentar o gozo da maternidade nem de guardar lembranças felizes dessa história.

1 No dia dessa apresentação, Márcia Noletto moderou o debate sobre luto materno e convidou Mariana Magalhães para assistir ao encontro. Durante o bate-papo, Mariana se sentiu tocada subitamente ao acessar suas perdas, assim como Márcia, mãe enlutada que perdeu a filha em um acidente aéreo. Mariana perdeu dez pré-embriões em suas tentativas de engravidar, por ter uma infertilidade sem causa aparente. [N. E.]

Narradores

A psicóloga CAMILA ALVES aborda o luto por um animal em “Delicadamente, ela se foi”. Cega aos 15 anos de idade, por causa de uma retinose pigmentar, ele adotou um cão-guia. A Pucca chegou em 2010, quando Camila tinha 20 anos, e morreu em 2020, com 12 anos de vida e 8 de trabalho.

Historiador, professor e deputado federal, CHICO ALENCAR presenteia os leitores com seu depoimento sobre um luto político em “Perdas e danos”, em que discorre sobre os “tempos amargos” que vivemos no passado recente, no qual prevaleceram o negacionismo, a irracionalidade, a mentira e o ódio.

DANIEL CARVALHO, coordenador do projeto Luto do Homem, perdeu a filha Joana seis dias após o nascimento dela, por complicações no parto. Em “Silêncio”, ele recupera o antigo e conhecido cartaz de hospital para mostrar que o luto do homem costuma ser silenciado e abafado na sociedade, ainda que o padecimento, como o seu, seja esmagador.

EDUARDO MEDEIROS é cozinheiro e empreendedor. Em “O luto de uma pessoa trans e seus renascimentos”, ele compartilha como sua pri-

vação de existir com liberdade para se construir enquanto indivíduo afetou sua vida e o levou a vivenciar lutos diversos. Tendo renascido somente aos 20 anos de idade, mostra como se cura, se reinventa e, ainda, se constrói e aprende a se amar, apesar de tudo.

“De um velório a outro” é o título do depoimento de ELIANE ARENAS, doutora em Educação, no qual ela desenvolve suas lembranças do luto por um pessoa querida para ligá-lo a outro, mais antigo, motivado pela morte de outra pessoa benquista. Eliane mostra que aparentemente os lutos nunca morrem.

FERNANDA CHAVES, jornalista e ex-assessora de Marielle Franco, foi a única sobrevivente do ataque a tiros que matou a vereadora carioca e seu motorista, Anderson Gomes. Em “Fragmentos do luto possível”, ela relata as suas perdas para a violência — a amizade de dez anos, o colega recente, o trabalho — e o impacto delas em sua vida.

Cantor, compositor, ex-ministro da Cultura, ex-embaixador da ONU, “Artista pela Paz” da Unesco, entre tantos outros méritos, GILBERTO GIL perdeu o filho Pedro, de 19 anos, em 1990, em um acidente de carro. Com toda a sua delicadeza, Gil nos conta desse luto por um futuro perdido em “Eu agora não tô mais com medo, tô com Pedro”.

JOSÉ MAURO BRANT, ator, cantor e contador de histórias, revela em “Um tiro que mudou a história — Relato em três atos”, com grande comoção, a trama mais desoladora de sua vida — a perda do próprio pai, em uma época em que o governo federal incentivava e facilitava o acesso às armas de fogo no país.

JOVITA BELFORT é mãe de Priscila Belfort, desaparecida no início de 2004, um caso nunca solucionado, que ela retoma em “Saudade sem fim” para relatar como sobreviveu a essa dor. Em 2019, Jovita assu-

miu a Coordenadoria de Prevenção e Enfrentamento ao Desaparecimento de Pessoas, no Rio de Janeiro.

LEANDRO FREDERICO MARQUES, mestre em Teologia pela PUC-RJ e psicólogo clínico, esteve por muitos anos à frente da Igreja Presbiteriana Betânia Litorânea, em Niterói. No depoimento “Passagem”, ele conta a respeito do drama que viveu quando ainda era conhecido como Pastor Leandro e depois que deixou a igreja.

LUCINHA ARAÚJO é mãe de Cazuzu, primeiro artista brasileiro que revelou publicamente ser HIV positivo. Filantropa, Lucinha fundou a ONG Sociedade Viva Cazuzu, criada após o falecimento do filho. Em “O tempo não para”, ela relata as dores do seu luto anunciado e como sobreviveu a ele.

Em “A menina ainda dança”, a psicóloga clínica MÁRCIA NOLETO descreve o luto que viveu com a perda da filha Mariana, de 20 anos de idade, em um acidente de helicóptero. Tomada pela dor e lutando contra a tristeza, Márcia decidiu compartilhar sua experiência e criou em 2015 o Instituto Mães Semnome, para ajudar mães enlutadas.

Quem nunca teve um ídolo? No texto “O luto de um país”, o fotógrafo MARCUS VINÍCIUS PAVAN expõe o seu lado personalíssimo de um luto coletivo: a morte de Ayrton Senna da Silva, o piloto de Fórmula 1 mais premiado, conhecido e querido do Brasil e um dos mais admirados e lembrados em todo o mundo.

MARGARETH PRETTI DALCOLMO, médica, pneumologista e pesquisadora da Fiocruz, tornou-se uma figura emblemática na luta contra a covid-19. Incansável na linha de frente do combate à pandemia, ela descreve suas experiências em “Um luto pressentido” e critica com veemência o negacionismo instaurado no país quanto à doença.

Em “Barriga oca”, a psicóloga clínica MARIANA MAGALHÃES compartilha as suas tentativas de realizar o desejo de ser mãe e o luto decorrente. Depois de tentar por quatro anos engravidar naturalmente, recorreu por mais dois anos à fertilização *in vitro* em três clínicas de reprodução assistida, onde perdeu dez pré-embriões e viu seu sonho naufragar.

MONICA BENICIO é vereadora no Rio de Janeiro, arquiteta urbanista voltada para o “direito à cidade”, militante de direitos humanos e feminista. Perdeu inesperadamente a sua mulher, Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018. Monica se emociona e nos emociona ao relatar o luto de um amor com garra e imensa saudade.

O venezuelano VICTOR MENESES confia como foi a sua vinda para o Brasil em um depoimento de título muito sugestivo, “O cinza e as cores do Brasil”. Sentindo-se arrasado por não conseguir suprir as suas necessidades e as da sua família, ele apostou na ideia de um amigo e veio para um novo país em busca de vida melhor.

Até os 18 anos de idade, WILLAMS AMARAL NOGUEIRA viveu em abrigos em Recife depois de perder os familiares. Em “Um placar de virada”, ele conta que, em suas orações, só pensava em ter uma nova família. Foi por meio de uma campanha realizada pelo Sport Club do Recife que Willams conseguiu superar o seu luto familiar.